

A motorista olhou a estrada e viu um carro em alta velocidade vindo em sua direção

COLISÃO

POR ANITA BARTHOLOMEW

Eram cerca de 2h30 da madrugada de Páscoa, no ano passado, quando as chamadas começaram a chegar à central de Emergência. A primeira foi de um caminhoneiro: “Alguém entrou na contramão na saída 35 da rodovia interestadual”, disse ele. “Mantive a posição e pisquei os faróis. Viajo com um *trailer* engatado. Quase fui atingido de frente, como se o outro nem tivesse me visto.”

Nos 20 minutos seguintes, cerca de 50 ligações inundaram os telefones da central, todas relatando a mesma coisa: um Honda Civic entrara na contramão numa rampa de saída na Rodovia Allisonville, em Indianápolis, Estados Unidos, e seguia em alta velocidade pela pista central.

FOTOGRAFADO POR GREG RUFFING



O atendente da Emergência avisou a Polícia Rodoviária de Indiana.

Greg e Dianna Bugher, seus dois filhos – Gavin, de 14 anos, e Parker, de 8 – e um amigo de Gavin, Cody, seguiam para casa numa cidadezinha próxima a Kokomo, Indiana, de volta de umas férias de verão na Flórida. Depois de horas na direção, Greg, de 41 anos, exausto, pensava em parar e dormir, antes de percorrer o trecho final.

“Deixe que eu dirijo”, disse Dianna, que, apesar de ser uma hora da manhã, estava totalmente desperta. Com os três meninos dormindo no banco de trás da van Ford emprestada dos pais

marido para perguntar que saída pegar para ir ao posto de gasolina. Haviam acabado de passar por uma, respondeu Greg. Ele disse à mulher que saísse na próxima, e fechou os olhos de novo.

Dianna via pelo retrovisor o longo colar de faróis dos veículos que a seguiam. Adiante, a estrada estava vazia. De repente, duas luzes ofuscaram o pára-brisa. Faróis! Com o coração a mil, Dianna jogou o Ford para a direita. Pelo espelho retrovisor lateral, viu o motorista na contramão passar como uma bala e seguir direto pela pista central. O Ford dos Bugher bloqueara a visão – a motorista da van Pontiac, logo atrás, não pôde ver o

COMO UMA BALA, O CARRO ACERTOU

de Greg, e faltando poucas horas de viagem para chegar em casa, ela queria continuar. Trocou de lugar com Greg e retomou a auto-estrada.

Logo atrás, Joy Edwards dirigia uma van Pontiac azul-escuro cheia de jovens: as duas filhas adolescentes, o filho de 21 anos e duas amigas. Joy conversava com Courtney, sentada no banco do carona, sobre a semana que acabavam de passar na praia. Os outros cochilavam atrás. Courtney disse que mal podia esperar pela próxima viagem. Consciente do cansaço da filha, Joy dessa vez não a censurou por apoiar o pé no painel do carro.

Por volta das 2h30, notando que o ponteiro do marcador de combustível do Ford estava baixo, Dianna acordou o

carro se aproximar. Dianna percebeu que ela ainda tentou desviar. Tarde demais.

Como uma bala disparada de curta distância, o carro vermelho bateu de frente na van, que foi lançada alto no ar. Girando, o carro atingido caiu com a lateral esquerda na pista, perto da proteção metálica. Chamas irromperam do motor. Dianna parou, pegou o celular e ligou para a Emergência.

O atendente quis saber em que ponto da rodovia estavam. Greg tomou o telefone da mulher, pulou do carro, correu para o marcador de quilometragem e informou o número.

No ar frio da noite, ele ouviu lamentos terríveis vindo do carro tombado: “Alguém me ajude.”

“Vou morrer. Vou morrer...”

Ao encerrar a ligação, Greg correu para atender aos apelos. Dianna seguiu o marido. A van estava destroçada: todos os bancos fora do lugar, os passageiros amontoados. Por trás da teia de aranha do pára-brisa rachado, Greg, apesar do escuro, distinguiu movimentos graças à claridade do fogo que se alastrava no compartimento onde estivera o motor.

“Afastese! Vai explodir!”, gritou um motorista que parara perto dali. Greg continuou. Colocou a mão debaixo do vidro, numa parte em que ele se separara do encaixe, e o arrancou num puxão. Primeiro com as pernas, uma adolescente saiu, de costas, pela aber-

sentindo dor. Mas não havia tempo para confortá-la, com outras pessoas presas. Após deixá-la em segurança, a alguns metros atrás do veículo em chamas, Greg voltou para salvar os demais.

O trânsito estava engarrafando ao longo da rodovia interestadual. Dianna cobriu a primeira garota com um cobertor. Entre soluços e súplicas para que alguém salvasse sua família, a menina respondeu às perguntas de Dianna. Chamava-se Courtney Wade. Tinha 17 anos. A mãe, a irmã, o irmão e amigos estavam na van com ela.

Dianna abraçou-a com força, na tentativa de confortá-la. “Por favor, traga minha mãe”, Courtney implorava.

A VAN DE FRENTE.

tura. Tentou ficar de pé, mas caiu. Greg levou-a para longe do fogo e colocou-a nos braços de Dianna.

A garota estava ferida e sangrando, com um olho grotescamente inchado e o pé quebrado. Mesmo assim, lutava para se desvencilhar, no desespero de socorrer os outros, ainda presos no veículo em chamas. Dianna conteve-a com firmeza, levando-a para um local seguro.

“Para trás!”, gritou Greg para a esposa e a garota e correu em busca dos outros. As chamas agora cobriam uma parte maior do motor.

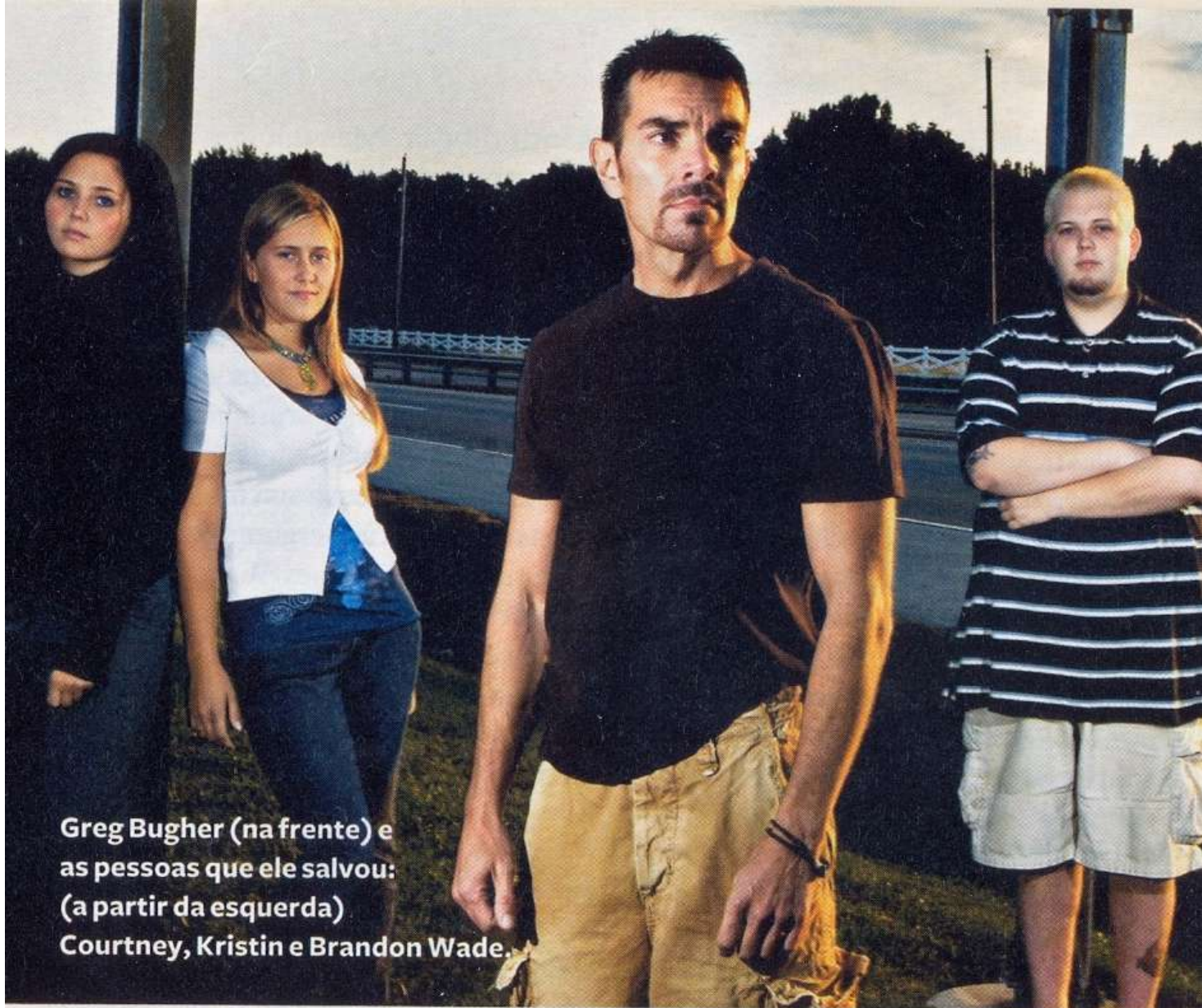
Gritos vinham do interior do carro. Quando Greg se aproximou, um braço estendeu-se pela janela do passageiro. Ele o segurou e puxou; outra jovem surgiu, perturbada e evidentemente

“Não posso viver sem minha mãe.” A menina tremia. Suas pupilas estavam enormes. Dianna percebeu que ela provavelmente estava entrando em estado de choque.

Levou a jovem para junto dos filhos, que esperavam dentro do Ford, e ligou o aquecimento. Gavin implorou à mãe que o deixasse ajudar o pai, mas ela disse não – todos tinham de ficar ali para tomar conta de Courtney. Parker deu um tapinha no braço de Courtney e perguntou-lhe se estava bem.

“Mãe, diga a papai para se afastar da van!”, gritou Gavin quando viu o fogo se alastrar.

“Papai vai ficar bem”, disse-lhe Dianna, na esperança de estar certa. Saiu novamente do carro e observou



Greg Bugher (na frente) e as pessoas que ele salvou: (a partir da esquerda) Courtney, Kristin e Brandon Wade.

o marido, agora de pé sobre a carroceria em chamas da van. O fogo crescia a cada segundo.

Ela gritou para Greg alertando-o de que a van poderia explodir. Dianna, porém, conhecia o marido. Ele jamais abandonaria as pessoas presas no carro.

O fogo se alastrava cada vez mais para o interior da van. Greg foi buscar no Ford um galão de água, e correu de volta para o carro acidentado. Apoiando-se na proteção metálica que margeava a pista, subiu na porta dos passageiros e esvaziou o galão sobre o fogo. Tentáculos de cor laranja dançaram em torno de seus braços. Por um momento, o fogo crepitou. Mas, quase instantaneamente, uma nova

chama saltou do mesmo ponto. Greg esperava ter ganhado um pouco de tempo.

Dentro da van, um rapaz lutava para se levantar. Disse não ter mais forças para se mover. “Tudo bem”, respondeu-lhe Greg. “Vou tirar você daí.”

Com 1,72 m de altura e 63,5 quilos, Greg estava em boa forma e era musculoso, mas o jovem pesava bem mais do que ele. Greg tentava imaginar o que fazer, quando outro homem se aproximou dos destroços.

“Vou fazê-lo rolar para fora, e depois em sua direção”, disse Greg ao desconhecido. Fez o que tinha dito, retirou o jovem e o entregou nos braços do homem.

Nessa altura, chegara uma viatura de polícia. Os policiais começaram por estabelecer a segurança da área e vistoriar o Honda. Um deles veio prestar ajuda a Greg e ao outro homem. Entrando na van cheia de fumaça, Greg pegou mais um jovem. Esse estava inconsciente, e foi passado também aos braços do desconhecido. Ainda se ouviam gemidos de algum lugar dentro do veículo. O fogo, que devorara quase tudo o que havia de inflamável no compartimento do motor, se alastrava agora em espirais no interior do carro.

Greg localizou a fonte dos gemidos – uma pessoa grande, talvez com 150 quilos, ficara presa no asfalto sob a lateral da van. Ao ver Greg, o jovem o agarrou pelos braços. Greg tentou, mas não conseguiu movê-lo. “O fogo está quase dentro da cabine”, disse Greg.

Rolos de fumaça negra saíam da van. O calor queimava os sapatos de Greg. “Alguém traga um pouco d’água!”, gritou ele. Se não conseguisse jogar água nas chamas, sabia que o jovem seria queimado vivo. Lembrou do isopor que trazia no Ford. Olhando nos olhos do rapaz, disse: “Volto para retirar você.”

Greg gritou para o desconhecido que colaborava: “Preciso de sua ajuda!” Os dois correram para o Ford dos Bugher.

Greg e o outro homem arrastaram o isopor até o veículo em chamas. Dentro da caixa térmica havia garrafas de suco e leite, latas de refrigerante, e água do gelo meio derretido.

Juntos, os dois lançaram gelo e água sobre o motor. Então, enquanto o desconhecido corria em volta dos destroços até a traseira, Greg abriu as latas de bebida e esvaziou-as sobre as chamas. O fogo amainou, mas ele sabia que em breve voltaria com ímpeto. Talvez tivesse conseguido ganhar mais um ou dois minutos.

Juntou-se ao outro homem na traseira da van e, descobrindo que um dos policiais quebrara o vidro traseiro com o cassetete, segurou o braço da vítima. “Vamos puxá-lo para fora”, disse ao desconhecido. O incêndio avançava, engolindo o estofamento do banco da frente. Ergueram o rapaz e o puxaram, mas o jovem não saía, com as calças agarradas a alguma parte dos destroços. Por fim, as calças foram rasgadas e os dois homens conseguiram puxá-lo para um lugar seguro.

Um dos policiais pegou o rapaz pelas pernas e ajudou a carregá-lo para longe, deitando-o no chão a cerca de sete metros das chamas.

Greg correu de volta para a van incendiada uma última vez. Não viu mais ninguém nem ouviu gritos de socorro. As chamas engoliram completamente os destroços, lançando colunas amarelo-alaranjadas a dez metros ou mais em direção ao céu e soltando faíscas para todos os lados. O inferno iluminava a noite, enquanto as viaturas de emergência continuavam a chegar, com luzes vermelhas giratórias a reforçar a cena sinistra. Os bombeiros decidiram deixar o incêndio consumir-se por si só e, em vez de combatê-lo, levar os feridos para as ambulâncias.

Greg voltou para a família. Exausto, ofegava em busca de ar. Ao verem sua aflição, os socorristas perceberam que tinham mais uma vítima do incêndio. Auscultaram-lhe o coração e os pulmões e aplicaram-lhe uma máscara de oxigênio para ajudá-lo a respirar.

Parker estava tão preocupado com o pai que se recusava a se afastar dele. Com pena do menino, o pessoal da Emergência permitiu que ele acompanhasse Greg na ambulância.

Greg Bugher foi liberado na manhã seguinte, depois de medicado por inalação de fumaça. Só então soube que havia mais uma pessoa na van, totalmente oculta nos destroços. O banco do motorista fora lançado no compartimento do motor e Joy Edwards, de 42 anos, mãe de três dos jovens que ele socorrera, morrera com o impacto. Não havia nada que Greg pudesse ter feito, mesmo se soubesse que ela estava lá.

Na manhã da terça-feira depois do desastre, Courtney Wade seria operada para corrigir uma fratura na coluna. Ela começou a chorar quando Greg e Dianna entraram no quarto, e agradeceu a ambos várias vezes. Eles

ficaram ali e rezaram com Courtney até que ela fosse levada para a sala de cirurgia.

A moça também teve fraturas no tornozelo, no pé e no braço. Seu irmão, Brandon, o último a ser socorrido, sofrera grandes lesões internas. Ele e a outra irmã, Kristin, de 16 anos, precisaram enxertar pinos para ajudar a consolidar fraturas nas pernas. Seus amigos Alex Stang e Chase Parker também sofreram ferimentos graves. Alex teve fraturas na coluna e no crânio, e Chase, fraturas múltiplas na face, no nariz, além de contusões. Apesar da gravidade das lesões, todos deverão se recuperar. Desde então, eles e os Bugher tornaram-se íntimos, e a amizade possibilitou a Greg livrar-se aos poucos da culpa em relação a Joy.

O desconhecido que ajudou no resgate nunca foi identificado. A motorista do Honda vermelho, Nicole Marie, 26, morreu na colisão. Talvez nunca se saiba o que a fez pegar a contramão, mas, no banco de trás do carro, havia um papel com a letra rabiscada de um rock: "Você simplesmente estava ocupado demais consigo mesmo. Nunca estava presente para que eu pudesse exprimir meus sentimentos."

HÁ CONTROVÉRSIAS

Vi a seguinte placa em um posto de gasolina da minha cidade:

"DUCHA GRÁTIS".

Logo abaixo, havia uma faixa:

"ACEITA-SE CHEQUE".

Milton Luiz Daniel, Araras (SP)

